

A ética da diferença sexual: o caso Foucault

Rosi Braidotti

O presente texto é a tradução da parte inicial do capítulo 4 de *Sujetos nômades* de Rosi Braidotti, publicado em Barcelona pela Editora Paidós em 2000. Traduzido por wanderson flor do nascimento.

Há mais de um século, Nietzsche declarava que todas as culturas decadentes, enfermas e corruptas adquiriam um gosto pelo "feminino" se já não pelo efeminado. Esse "feminino", como já manifestei, não é mais do que uma metáfora muito elaborada ou um sintoma do profundo descontentamento que aumenta no coração da cultura falocêntrica. É um mal masculino que expressa a crise da auto-legitimação, a qual, segundo Lyotard,¹ é a marca das sociedades pós-modernas. Esse "feminino" não mantém uma relação imediata, nem sequer direta, com as mulheres da vida real. É uma atitude tipicamente masculina que transforma os transtornos masculinos em valores femininos. Se pensamos no presidente Schreber de Freud² quem, em seu delírio, declarava que era tanto homem como mulher e tanto mais feminino quanto era o favorito de Deus, mais podemos nos maravilhar ante as profundidades da tendência do "devir mulher", no pensamento moderno: uma tendência da que Derrida é na França o principal porta-voz³.

Parece-me que a relação entre as metáforas do feminino e o discurso e a prática feminista deve ser estudada atendendo ao poder e às estratégias. A questão real é a colisão frontal entre os pressupostos patriarcais acerca do feminino e a realidade existencial das vidas e o pensamento das mulheres, que o feminismo tem nos ajudado a pensar. Esta discrepância pode ser vista como a tensão entre as imagens e as representações da "mulher" construídas pelo homem e as experiências das mulheres da vida real em sua grande diversidade.

Para mim, é isto o que está em jogo no debate pós-moderno, pós-estruturalista, "pós-carta postal"⁴. Para demonstrá-lo, decidi deslocar o debate para uma questão lateral que é em alto grau significativa: a questão da ética e o extraordinário interesse que está despertando na filosofia francesa contemporânea. Por que voltou a se instalar a questão da ética na agenda filosófica depois de muitos anos durante os quais a "política" encabeçava o desfile das idéias?

A absoluta importância que adquiriu a questão da ética na obra de alguns filósofos homens é uma consequência da crise do sujeito racional que sacudiu até os alicerces mesmos do sistema falocêntrico. A questão da alteridade, da condição de "outro", está

suscitando renovada atenção precisamente por causa da problematização que sofrem as estruturas da subjetividade no pensamento moderno. Creio firmemente que o movimento das mulheres é uma das fontes primárias da deslocalização do sujeito racional⁵.

Minha hipótese é que a chamada "crise" do sujeito racional e a inflação do conceito do feminino relacionada com ela tiveram efeitos benéficos em certos filósofos homens.

No epílogo do livro de Dreyfus e Rabinow, Michel Foucault: *Beyond Structuralism and Hermeneutics*, Foucault definia o perfil geral de seu pensamento e declarava que o tema central era a análise crítica, histórica, dos modos de constituição do sujeito: formas em que nossa sociedade converte os seres humanos em sujeitos. Em seu enfoque analítico do sujeito, Foucault se compromete a revelar, denunciar e, em última instância, anular a forma específica de violência, isto é, as formações de poder que operam no jogo filosófico. O que na verdade interessava a Foucault era a materialidade das idéias, o fato que elas existam em um espaço de intermédio, apanhadas em uma rede de condições materiais e simbólicas entre o texto e a história, entre a teoria e a prática, e nunca em nenhum desses pólos. Sua filosofia é uma filosofia das relações, dos espaços intermediários e, neste sentido, Foucault representa a antítese absoluta da sociologia.

A preocupação central da obra de Foucault é a crítica do poder despótico exercido pelo texto filosófico e pela história da filosofia como um bloco monolítico de conhecimento. Tenho a impressão de que esta crítica dá uma unidade geral a seu projeto intelectual.

Como ele mesmo declara em sua introdução ao segundo volume da *História da Sexualidade: O uso dos prazeres*:

Existe sempre algo de irrisório no discurso filosófico quando ele quer, do exterior, fazer a lei para os outros, dizer-lhes onde está sua verdade e de que maneira encontrá-la, ou quando pretende demonstrar-se por positividade ingênua; mas é seu direito explorar o que pode ser mudado, no seu próprio pensamento, através do exercício de um saber que lhe é estranho. O "ensaio" - que é necessário entender como uma experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação - é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma "ascese", um exercício de si, no pensamento.⁶

A escolha deste lugar de enunciação implica uma redefinição da filosofia, "o exercício de si mesmo na atividade do pensamento", "uma prova no jogo da verdade". É uma prática que implica uma relação consigo mesmo e com a alteridade e, conseqüentemente, é uma postura ética.

A análise da subjetividade feita por Foucault perfila três modos principais que transformam os seres humanos em sujeitos. Esses modos correspondem a etapas de sua obra.

Na primeira fase, Foucault analisa o tipo de discurso que pretende a condição de ciência, especialmente no campo das ciências humanas; esta etapa de sua obra, na qual se destacam *As palavras e as coisas* e *A arqueologia do saber*, o leva a criticar o papel que corresponde ao "sujeito cognoscente" na história da filosofia ocidental. O segundo período da obra de Foucault é aquele no qual o autor aborda a constituição do sujeito em virtude daquilo que ele chama "as praticas divisórias": exclusão, separação e dominação dentro de si mesmo assim como a respeito aos demais. Esta parte de sua reflexão começa com a *História da Loucura* e o *Nascimento da Clínica* e continua através de *A ordem do discurso* e *Vigiar e Punir*. O conceito central é que os modos em que se transformam os seres humanos em sujeitos em nossa cultura se sustentam em uma completa rede de relações de poder, que Foucault define como "a microfísica do poder". Sendo o "poder" o nome que damos a uma complexa situação estratégica em uma sociedade dada, o corpo é o alvo privilegiado dos mecanismos das relações de poder. Foucault desenvolve uma economia política do corpo, um corpo definido em termos de materialidade, isto é, como matéria inclinada a experimentar uma variedade de operações simbólicas e materiais: deve fazer-se dócil, submissa, erótica, utilizável, produtiva, etc.

Estas técnicas de controle e codificação do corpo vivo como o lugar da subjetividade também produzem "efeitos de verdade", portanto gerariam tipos específicos de conhecimentos acerca do sujeito e de sua inscrição social. Os aspectos normativos das relações de poder nas quais fica preso o corpo são, conseqüentemente, positivos, isto é, produtivos em termos de conhecimento, no sentido de verdade sobre o sujeito vivo. Daí que a noção de sujeito se baseie, para Foucault, em uma tecnologia do corpo conectado com a natureza racional do poder e com o caráter normativo da razão.

Esta idéia estabelece, além disso, um vínculo entre a segunda e a terceira etapas da obra de Foucault; na última, o autor se concentra nos modos pelos quais os seres humanos se transformam em sujeitos: entende a sexualidade como o campo no qual proliferam com maior força em nossa cultura as práticas discursivas e, portanto, os efeitos de verdade normativos. No primeiro volume de sua *História da Sexualidade*, Foucault define a cultura ocidental como "sexo-cêntrica": somos os únicos que inventamos a *scientia sexualis*, fazendo da sexualidade o lugar da auto-revelação e a verdade sobre si mesmo. As perguntas que se

faz Foucault são: o que é essa sexualidade que preocupa tanto a todos? e por que meios nos tornamos sujeitos sexuais?

No segundo e terceiro volumes da *História da Sexualidade*, Foucault analisa as práticas do discurso e o controle da sexualidade entre os antigos gregos e romanos; e assinala que as práticas que reunimos sob o rótulo geral de "sexualidade" constituíam o que a cultura greco-romana chamou de "artes da existência", ou seja, "essas práticas refletidas e voluntárias mediante as quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo"⁷.

Foucault sustenta que o conjunto das "artes da existência", no sentido de "técnicas de si" foram absorvidas nos começos da Cristandade pelo exercício do poder sacerdotal e logo pelos educadores e médicos, entre outros. Parece-me que a evolução do pensamento de Foucault mostra a sexualização progressiva dessas práticas discursivas; a intersecção da fase arqueológica com a decodificação genealógica das práticas de si - que foi produzida por sua *História da Sexualidade* - também marca uma consciência cada vez maior da postura masculina de falante que havia adotado, a de um filósofo homem. Por exemplo, podemos argumentar que nos primeiros textos é evidente sua tendência androcêntrica; Foucault utiliza o termo homem como uma forma universal, com o qual manifesta sua cegueira diante da diferença sexual. Contudo, em suas últimas obras o autor é consciente do fato de que o controle da sexualidade que está analisando se baseia em uma profunda assimetria entre os sexos. Ao falar das "práticas de si", Foucault declara: "as mulheres são adstritas, em geral [...], contudo, não é às mulheres que essa moral é endereçada; não são seus deveres, nem suas obrigações que são ai lembrados, justificados ou desenvolvidos. Trata-se de uma moral de homens: uma moral pensada, escrita, ensinada por homens e endereçada a homens, evidentemente, livres"⁸.

O que Foucault quer assinalar aqui não é tanto a exclusão, mas a desqualificação das mulheres enquanto agentes éticos e, conseqüentemente, enquanto sujeitos. Foucault insiste na interconexão entre as condições para alcançar uma hierarquia moral e o direito a ser um cidadão no sentido social, político, moral e judicial do termo. As regras e preceitos de uma vida moral - que também transformam ao sujeito em uma substância ética - estão implicitamente conectados com os direitos sócio-políticos e as mulheres se mantiveram à margem de ambos.

Sustentando que o governo de si mesmo, o manejo do patrimônio próprio e a participação na administração da cidade eram três práticas do mesmo tipo, Foucault destaca

o valor chave da "virilidade ética" como o ideal sobre o qual se baseia o sistema em seu conjunto. Isto, por sua vez, implica uma coincidência perfeita entre o sexo anatômico de alguém - masculino - e a construção imaginária da sexualidade masculina; além do mais, Foucault põe acento na concordância de ambos com as representações sociais dominantes do que devia ser a norma ética universal: a virilidade simbólica. Daí que o corpo masculino forme um todo com o corpo político.

Se lemos os projetos de Foucault a partir desta perspectiva, podemos entendê-lo como a anatomia crítica das estruturas falocêntricas do discurso; a prática da "virilidade ética", na realidade, assenta também as bases do jogo filosófico como tal, isto é, que oferece os parâmetros básicos da economia política da verdade, como entidade submetida à autoridade do logos.

Além disto, a economia falogocêntrica assim analisada revela também o vínculo homossexual masculino que constitui a base do contrato social, assim como das práticas discursivas que a sociedade adota para si: é um mundo para homens, feito por homens.

Como pode ter sido o "uso do prazer" feminino e que efeitos de verdade e produção de conhecimento houve sobre o sujeito feminino, continua sendo matéria de especulação. A brecha discursiva se traduz em ausência histórica; daí que toda a história da filosofia, como chegamos a herdá-la, foi conjugada no modo masculino e viril. A história - antes que a anatomia - é o destino.

De acordo com esta leitura de Foucault, se pode argumentar que estamos diante de um filósofo homem que reproduz as regras em alto grau sexuadas que governam o discurso filosófico. Longe de ser universal, o escárnio da filosofia se apóia nas premissas mais especificamente sexuais: aquelas que postulam a primazia da sexualidade masculina como lugar do poder social e político. Na última obra de Foucault, o discurso falogocêntrico é uma economia política e libidinal específica: uma economia que designa aos sexos papéis específicos, pólos e funções em detrimento do feminino.

A versão foucaultiana da ética clássica grega e romana, do uso do prazer e da aprendizagem das artes da subjetividade com todas suas conotações políticas e simbólicas - diferente da forma cristã da ética -, não deve ser entendida como uma apologia de um sistema discursivo ou outro. Sua obra sobre a ética se concentra na descontinuidade entre a crise de valores moderna e as éticas anteriores, tanto a cristã como a clássica; descontinuidade que inspirara histórica e conceitualmente a crise pós-moderna. Foucault volta seu olhar para o passado só para encontrar práticas que se ajustem ao aqui e agora de nosso lugar de enunciação. A pergunta é a seguinte: como podemos ir mais além da

historicidade de nossa condição moderna? Foucault sustenta que na era da modernidade não há moral possível; estamos historicamente condenados a reconceber as bases de nossa relação com os valores que herdamos, especialmente do século XIX.

¹ Jean François Lyotard. *La Condition Post-Moderne*. Paris, Minuit, 1979; "One of the Things at Stake in Women Struggle", *Substance*, n. 20, 1980.

² Sigmund Freud, "*Psycho-analytic Notes on an Autobiographical Account of a Case of Paranoia, Dementia Paranoides*" (1911); reeditado em *The Pelican Freud Library*, vol. 9. Londres, Penguin, 1979.

³ Jacques Derrida, *L'écriture et la différence*, Paris, Seuil, 1967; *Marges*, Paris, Minuit, 1972; *Eperons*, Paris, Flammarion, 1978.

⁴ A referência corresponde a um dos livros de Jacques Derrida, *La carte postale*.

⁵ Minha análise sobre a intersecção entre o feminismo e a modernidade está de acordo com a diagnose pós-moderna como, por exemplo, em Alice Jardine, *Gynesis: Configurations of Woman in Modernity*. Ithaca, Cornell University Press, 1985.

⁶ Michel Foucault, *O uso dos prazeres*, Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 13.

⁷ *Ibid.*, p. 15.

⁸ *Ibid.*, p. 24.